

Bancos regionais grandes podem apoiar renegociação ampla da dívida externa

por Sônia Jourdani
de São Paulo

Os bancos regionais grandes dos Estados Unidos poderão dar um apoio inesperado às autoridades brasileiras que forem negociar um refinanciamento mais amplo da dívida externa. Se não forem marginalizadas do processo e chamadas para diálogos constantes com o governo brasileiro, essas instituições representarão uma força capaz de dar o equilíbrio necessário ao resultado das solicitações que o Brasil poderá fazer e aquilo que os grandes bancos estarão dispostos a conceder.

Antonio Villamil, vice-presidente e economista-chefe do Southeast Bank, maior banco comercial da Flórida, acha que esse meio termo é possível. Na sua passagem por São Paulo, de volta da reunião do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), realizada em Punta del Este, ele falou a este jornal de uma forma bastante otimista sobre o caso brasileiro. "O País já apresenta uma liquidez melhor, conseguiu aumentar consideravelmente as exportações e está no caminho da recomposição da confiança que merecia da comunidade credora", disse Villamil. Insistindo sempre na questão das taxas de juros internacionais, para ele o principal problema, o economista-chefe do Southeast Bank observou que, enquanto for mantida a política monetária dos EUA, não haverá como evitar que os países endividados contabilizem cada vez mais dólares na conta a pagar.

JUROS

"A solução maior, definitiva, é aliviar a pressão exercida sobre os juros pela necessidade de financiamento do déficit do governo norte-americano." Esta solução, porém, está fora do alcance dos devedores, e as saídas que dependem deles geralmente esbarram um movimento dos credores em sentido inverso. Nesse ponto, Villamil destacou que "há bancos e bancos" tão diferentes no porte co-

mo nos interesses. Ignorar isso, segundo ele, é um erro que os negociadores brasileiros não podem mais se permitir.

Referência clara, portanto, à resistência que o Brasil enfrentou na composição do "jumbo" junto aos regionais americanos. Alguns deles realmente não querem manter posições aqui, mas outros estão dispostos a voltar à mesa de negociações, como é o caso do Southeast Bank. Com US\$ 9 bilhões em ativos e um "exposure" de US\$ 110 milhões no País, o banco participa dos quatro projetos do programa de refinanciamento das contas brasileiras. O que é mais importante: pretende manter esta participação e se engajar num processo mais amplo de acerto, aceitando prazos mais amplos e condições melhores para o pagamento.

CONTRAPARTIDA

Para Antônio Villamil, o Brasil está fazendo bem sua parte e as conquistas na balança comercial já poderiam merecer dos bancos uma contrapartida de redução do "spread" (taxa de risco). Ele também acha que, nos futuros contratos, os credores poderiam dispensar a opção de contabilizar os juros pela prime (taxa para clientes preferenciais dos EUA). Contrário à capitalização, que vê como uma solução de curto prazo — "no começo ajuda o fluxo de caixa, mas depois é pagar juros sobre juros e isso, realmente, não resolve nada" —, o vice-presidente do Southeast Bank acredita que a receita ideal é mesmo a que combina mais tempo e menores taxas. Ele garantiu que sua instituição não é a única regional de peso no sistema bancário norte-americano a pensar assim: "O Security Pacific, por exemplo, e muitos outros bancos podem defender em bloco a redução do "spread" na próxima rodada da negociação brasileira. Desde que não sejam levados de arrasto pelos grandes, desde que tenham voz, desde que mereçam atenção das autoridades brasileiras".